

**COLEGIADO DE PEDAGOGIA**

**AVALIAÇÃO PROCESSUAL E FORMATIVA NOS ANOS INICIAIS**

**FEIRA DE SANTANA – BAHIA**

**2022.1**

Millena Moreira Araújo

Nathalia de Jesus Pereira Santos

AVALIAÇÃO PROCESSUAL E FORMATIVA NOS ANOS INICIAIS

Artigo apresentado como requisito parcial de avaliação para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia, no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob coordenação da professora Ma. Claudene Ferreira Mendes Rios, junto ao Colegiado de Pedagogia, na Faculdade Anísio Teixeira, no semestre de 2022.1.

Orientador(a): Prof. Ma. Claudene Ferreira Mendes Rios

FEIRA DE SANTANA – BAHIA

2022.1

**AVALIAÇÃO PROCESSUAL E FORMATIVA NOS ANOS INICIAIS**

 Millena Moreira Araújo[[1]](#footnote-1)

 Nathalia de Jesus Pereira Santos[[2]](#footnote-2)

 Claudene Ferreira Mendes Rios[[3]](#footnote-3)

**Resumo**

A proposta desse artigo tem como objetivo geral analisar as percepções que os teóricos Cipriano Carlos Luckesi e Jussara M.L Hoffman apresentam sobre avaliação processual e formativa nos anos iniciais. E como objetivos específicos: O que Luckesi e Hoffmann falam sobre avaliação processual e formativa para os anos iniciais; fornecer alguns subsídios como forma de aprimorar os conhecimentos sobre avaliação para os pedagogos professores (ou futuros), e articular as percepções de avaliação de Hoffmann e Luckesi com a BNCC. Realizamos uma pesquisa bibliográfica exploratória, fundada na abordagem qualitativa. O interesse pelo tema da pesquisa, se deu a partir da necessidade de entender as concepções de avaliação que os professores dos anos inicias apresentam sobre avaliação da aprendizagem. Sabe-se, pois, que as concepções de avaliação são muito abrangentes, dessa forma pode-se encontrar no ambiente escolar diferentes formas de se trabalhar com avaliação da aprendizagem. Partindo desta perspectiva de que um dos papéis do professor é contribuir e estimular o aluno para que este seja o autor de sua aprendizagem considerando que a avaliação é um processo que precisa acontecer de forma contínua. O trabalho justifica-se pela necessidade e importância da ampliação do entendimento do que vem a ser uma avaliação processual e formativa nos anos iniciais para assim favorecer o crescimento e a formação dos alunos.

**Palavras-chave**: Avaliação. Propostas. Possibilidades. Educação.

**Introdução**

A avaliação, para nós que estamos por concluir o curso de Pedagogia, é um processo contínuo que desafia a formação do professor e que precisa ser mais discutido/compreendido por futuros professores (nós).

Assim sendo, aproveitamos a oportunidade na elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que é um exercício formativo de pesquisa, para nos debruçarmos sobre a temática da avaliação, a partir da seguinte pergunta: quais as percepções que os teóricos Hoffman e Luckesi apresentam sobre avaliação processual e formativa para os anos inicias? Ressaltamos que este recorte para os anos iniciais se justifica, pois é um campo de atuação para o ramo da Pedagogia, e o papel da avaliação é diagnosticar a situação da aprendizagem, tendo em vista subsidiar a tomada de disposição para a melhoria da qualidade do desempenho do educando.

Na perspectiva de Luckesi (2005, p.42.), “o ato de avaliar implica dois processos articulados e indissociáveis: diagnosticar e decidir. Não é possível uma decisão sem o diagnóstico, assim como não faz sentido um diagnóstico, sem uma consequência decisão”. E para Hoffman (2012, p.13), “avaliar não é julgar, mas acompanhar um percurso de vida da criança durante o qual ocorrem mudanças em múltiplas dimensões com intenção de favorecer ao máximo possível o seu desenvolvimento”.

Com isso, a percepção que temos é de que a avaliação é parte essencial do processo de aprendizagem e deve ser utilizada como instrumento de apoio da prática pedagógica, pois apesar de ser um substantivo que admite vários significados, como: julgamento, apreciação, determinação de quantidade, preço, medida, dentre outros ainda tem espaço para ser pensado, refletido, compreendido pelos professores que atuam nos anos inicias.

O objetivo geral deste artigo foi analisar as percepções que os teóricos Hoffman e Luckesi apresentam sobre avaliação processual e formativa para os anos inicias, e os objetivos específicos: identificar as percepções de Luckesi e Hoffmann sobre avaliação processual e formativa para os anos iniciais; articular as percepções de avaliação de Hoffmann e Luckesi com a BNCC e fornecer subsídios sobre avaliação para os pedagogos professores (ou futuros).

O embasamento teórico do presente artigo tem como referencial as obras: Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, (1999); Avaliação da aprendizagem escolar. 13º ed. São Paulo: Cortez, (2002); Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática. 2 ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, (2005); Avaliação aprendizagem escolar: estudo e proporções /- 19° ed. São Paulo: Cortez, (2008) de Cipriano Luckese; Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade (1993.a); Avaliação, mito e desafio, uma perspectiva construtivade Jussara Hoffman (2003); Avaliar para promover: as setas do caminho (2008); Avaliação e educação infantil: Um olhar sensível e reflexivo sobre a criança (2012); Avaliar respeitar primeiro avaliar depois, Mediação (2013) de Jussara Hoffmann. E a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) divulgada em 2017 que articulamos com as percepções dos autores já citados.

E, quanto ao nosso percurso metodológico, realizamos uma pesquisa bibliográfica exploratória, ancorada na abordagem qualitativa, que segundo Gil (2006, p. 41), “[...] tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito”. Ou seja, na medida em que aprofundamos nossas compreensões, maior familiaridade teremos com a temática da avaliação evidenciando os anos iniciais.

Quanto a estruturação deste artigo, está dividido em quatro sessões além desta parte introdutória. A concepção e a contextualização da avaliação da aprendizagem a partir das percepções dos teóricos Luckesi e Hoffmann; os procedimentos e funções avaliativas indicadas por Luckesi e Hoffmann; o que a BNCC dispõe sobre o processo de avaliação nos anos iniciais e as considerações finais.

**Concepção de avaliação da aprendizagem de acordo com Luckesi**

A avaliação processual e formativa vai além de uma série de perguntas reunidas em uma prova combinando diferentes instrumentos avaliativos para mensurar de forma mais assertiva diferentes aspectos da aprendizagem, ela pode ser usada também como um diagnóstico da aprendizagem. A avaliação formativa ajuda a identificar se o aluno dos anos iniciais realmente está conseguindo aprender a partir do processo metodológico praticado e é o que defende Luckesi (2007, p. 54) ao afirmar que:

O modo de trabalhar com os resultados da aprendizagem escolar sob a modalidade da verificação, reifica a aprendizagem, fazendo dela uma “coisa “e não um processo. O momento de aferição do aproveitamento escolar não é ponto definitivo de chegada, mas um momento de parar para observar se a caminhada está ocorrendo com a qualidade que deveria ter.

Com isso, a avaliação processual acaba sendo mais adequada por permitir que as aprendizagens sejam aliadas ao longo de todo o processo, e não apenas ao final do bimestre. A avaliação em muitas escolas é classificatória e excludente, classificam os alunos em aprovados ou reprovados, estabelecendo uma escala de 0 a 10.

Na realidade, a avaliação tem sido usada como instrumento de discriminação, funcionando como julgamento e desembocando em veredicto sobre o desempenho humano. Em sua versão julgadora, é classificatória, identifica acertos e erros para premiar ou punir, confirmando sua metodologia excludente. Na escola há um padrão de bom aluno. Aquele que não se encaixa neste padrão é excluído. Essa exclusão não nasceu da escola por acaso. A escola é um reflexo da sociedade até porque o corpo escolar é parte desta sociedade. A escola exclui quando deixa que os alunos mais desinibidos se sobressaiam classificando-os como fortes e inteligentes e anulando os alunos que não se encaixam neste padrão, rotulando-os de fracos, preguiçosos.

Sobre esta realidade existente na escola, Luckesi (1999, p. 34) sinaliza:

A atual prática da avaliação escolar estipulou como função do ato de avaliar a classificação e não o diagnóstico, como deveria ser constitutivamente. Ou seja, o julgamento de valor sobre o objeto avaliado passa a ter a função estática de classificar um objeto ou um ser humano histórico num padrão definitivamente determinado. Do ponto de vista da aprendizagem escolar, poderá ser definitivamente classificado como inferior, médio ou superior. Classificações essas que são registradas e podem ser transformadas em números e por isso, adquirem a possibilidade de serem somadas e divididas em médias.

E sobre a pedagogia do exame, Luckesi (2008), fala da utilização de provas como instrumento de ameaça e tortura prévia aos alunos, faz um protesto dizendo que prova não é elemento motivador da aprendizagem. Porém, em várias situações o professor utiliza das provas como fator negativo de motivação sendo assim o estudante deverá se dedicar aos estudos não por que os conteúdos sejam importantes e significativos e prazerosos de serem aprendidas, mais sim porque estão ameaçados por uma prova.

De qualquer modo, avaliar os alunos dos anos iniciais é necessário, acompanhar todo o seu desenvolvimento e não apenas medir para dar notas, mas verificar o índice de aprendizagem. Não se deve questionar o fato de avaliar ou não. A questão é como avaliar. Não tentar eliminar o fato, mas transformá-lo, abordá-lo em perspectiva dialética. Usar a prova como único método de avaliação induz o aluno à subordinação. É um método de coação que provoca medo terror na maioria dos alunos. Avaliar o aluno por inteiro seria o mais adequado. Avaliar seus escritos, suas Intervenções verbalizadas em sala de aula, seus erros, sua atenção, seus êxitos. (HAYT, 2002; HOFFMANN, 2003, 2008, 2013; LUCKESI,1999,2002, 2005).

Assim, cabe ao professor assumir o papel de investigador e de organizador de experiências significativas de aprendizagem. Seu compromisso é o de agir e refletir criando e recriando alternativas pedagógicas adequadas, a partir da melhor observação e conhecimento de cada um dos alunos. E, para os professores que atuam aos anos iniciais é necessário utilizar uma avaliação de caráter transformador e não a mera constatação e classificação de notas, ou seja, o papel do professor dos anos iniciais precisa ser de conselheiro, orientador, não de executor de provas e testes.

**Concepção da aprendizagem de acordo com Jussara Hoffmann**

Hoffmann (2012, p. 13), destaca que “avaliar não é julgar, mas acompanhar um percurso de vida da criança, durante o qual ocorrem mudanças em múltiplas dimensões, com intenção de favorecer o máximo possível seu desenvolvimento”.

 A partir dessa concepção ressaltada pela autora, fomos impulsionadas a refletir sobre a avaliação mediadora; que avaliar não deve ser um julgamento de conhecimento, mas acompanhamento de processo, para que no decorrer das mudanças de aprendizagem adquiridas pela criança, ela desenvolva suas capacidades intelectuais.

Nesta perspectiva hoffmanniana, a avaliação se caracteriza como,

[...] uma ação ampla que abrange o cotidiano do fazer pedagógico e cuja energia faz pulsar o planejamento, a proposta pedagógica e a relação entre todos os elementos da ação educativa. Basta pensar que avaliar é agir com base na compreensão do outro, para se entender que ela nutre de forma vigorosa todo o trabalho educativo. (HOFFMANN, 2008, p. 17).

Então, a avaliação na perspectiva de construção do conhecimento parte de duas premissas básicas: confiança na possibilidade dos alunos construírem suas verdades e valorização de suas manifestações e interesses. Isso exige do professor uma concepção de criança como sujeito de desenvolvimento inserido no contexto de sua realidade social e política. Daí, avaliar é dinamizar oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento permanente do professor, que incitará o aluno a novas questões a partir de respostas formuladas, não num momento terminal do processo educativo, mas uma busca de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas oportunidades de conhecimento.

Cabe evidenciar que, assim como Luckesi (2008), Hoffmann também fala do caráter punitivo das avaliações: “[...] tem se caracterizado como disciplinadora, punitiva e discriminatória, como decorrência, essencialmente, da ação corretiva do professor e dos enunciados que emite a partir dessa correção.”(HOFFMANN, 1993, p. 87).

Hoffmann (2012) defende que não devemos pensar na avaliação como julgamento de capacidades e aptidões, mas como acompanhamento, e propor brincadeiras, projetos e atividades adequadas a seus interesses nas diferentes faixas etárias, em especial nos anos iniciais. E, sinaliza uma preocupação maior com o processo de ensino, com seu planejamento e sua metodologia e não só com a estratégia pedagógica adequada ao interesse ou a necessidade para alcançar determinadas metas.

Pensando no uso equivocado dos testes, pode-se notar que é entendido como instrumento de constatação e mensurações e não de investigação. Testar, abrange investigar, verificar o funcionamento para fundamentar a ação educação. E, interrogar sobre o significado dos erros para novas situações, novos desafios, formulando suas hipóteses, não apenas a verificação de acertos e erros, mas, encaminhar os alunos num sentido investigativo e reflexivo seria o mais recomendável.

Aliás, sem uma reflexão dos valores éticos sobre a avaliação, é possível “perder os rumos do caminho, a energia, o vigor dos passos em termos da melhoria do processo” (HOFFMANN, 2008, p. 17).

Na escola a avaliação ocorre devido à necessidade que o professor tem em verificar a assimilação dos conteúdos estudados pelos alunos. A avaliação não ocorre para avaliar se as metodologias utilizadas têm alcançado os objetivos necessários. Todavia a avaliação é algo constante dentro do processo escolar, sendo realizado não apenas com testes ou provas, mas também com observação, desenvolvimento, autonomia, desempenho e participação.

**Procedimentos e funções avaliativas indicadas por Luckesi e Hoffmann**

Quanto a avaliação processual e formativa, compreendemos possibilitar aos professores acompanhar as aprendizagens dos alunos, ajudando-os no seu percurso escolar, e para isso é essencial utilizar as funções que existe na avaliação da aprendizagem que são: diagnóstica, formativa e somativa.

Para Luckesi (2008, p. 84), a avaliação diagnóstica “pressupõe que os dados coletados por meio dos instrumentos sejam lidos com rigor científico tendo por objetivo não aprovação ou reprovação dos alunos, mas uma compreensão adequada do processo do aluno”. Na verdade, é constituída por uma sondagem, projeção e retrospecção da situação de desenvolvimento do aluno, dando-lhe elementos para verificar o que aprendeu e como aprendeu.

Ainda na perspectiva luckesiana,

(...) avaliação pode ser caracterizada como uma forma de Ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que Implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, Para aceitá-lo ou para transformá-lo. A avaliação é um Julgamento de valor sobre manifestações relevantes da Realidade, tendo em vista uma tomada de decisão. (LUCKESI, 2002, p.33).

Neste contexto, o professor, na medida em que está atento ao andamento do aluno, poderá através da avaliação da aprendizagem, verificar o quanto o seu trabalho está sendo eficiente e os desvios que está tendo, e em relação a avaliação diagnóstica realizada com os alunos dos anos iniciais possibilita ao sistema de ensino verificar como está sendo atingido os objetivos, portanto, a avaliação possibilita a auto compreensão.

Entretanto, entendemos que o sistema educacional tem se apoiado na avaliação classificatória com a pretensão de verificar aprendizagem ou competências através de medidas, de quantificações. Este tipo de avaliação presume que as pessoas aprendam do mesmo modo, nos mesmos momentos e tenta evidenciar competências isoladas. Ou seja, algumas pessoas que por diversas razões têm maiores condições de aprender, aprendem mais e com qualidade. Outras, com outras características, que não respondem tão bem ao conjunto de disciplinas, e com determinadas estratégias equivocadas aprendem cada vez menos e são muitas vezes excluídos do processo de escolarização.

Mas Hoffmann (2013, p. 14), traz uma clara definição do termo acompanhar que compreendemos essencial para prática do professor: “[...] acompanhar mediando à avaliação é permanecer atento a cada aluno pensando e refletindo em suas atitudes e ações, sentindo seus diferentes jeitos de aprender”.

Pensando nesta proposta para os anos iniciais, a autora indica caminhos a serem trilhados durante este processo de avaliação, como: prestar atenção no aluno, conhecer suas dificuldades, reconhecer seus pontos fortes e os que precisam ser melhorados - para a educadora cada aluno é único. E que, deve-se guiar o aluno procurando desafiá-lo e levá-lo a conquistar autonomia moral e intelectual.

Contudo, para que o processo de avalição aconteça, a avaliação precisa ser uma ação que promova o aprendizado, ou seja, que sirva essencialmente para conhecer cada aluno e suas necessidades, dessa forma o professor poderá fazer uma reflexão não no que o aluno deixou de aprender e sim focar nas oportunidades e pensar em caminhos para que alcancem os objetivos.

 **O que a BNCC dispõe sobre o processo de avaliação nos anos iniciais**

A BNCC (2017) tem o objetivo de instituir um currículo universal e fazer com que todos os estudantes, sejam eles de escolas públicas ou particulares, tenham o mesmo nível de conhecimento. Nesse contexto, a avaliação é de suma importância e por isso trazemos a concepção de avaliação que se encontra na BNCC, tecendo elos a partir do que já expusemos com base em Luckesi e Hoffmann, pois os estudantes devem passar de meros telespectadores a peças realmente ativas em seu processo de ensino-aprendizagem.

A avaliação escolar de acordo com a BNCC tem um papel central na educação dos alunos e não pode ser feita somente no final do ano letivo. Em consonância com Luckesi (2008, p.143) ao afirmar que “os professores precisam realizar o método de soluções de problemas para que o aluno exercite um caminho de independência [...]”

Então, considerando que avaliar sempre foi baseada em notas e provas, ou seja, aquela que fornece um resultado mensurável, o que dá aos pais e alunos maior segurança em termos de controle, pode-se dizer que a melhor forma de realizar tal processo, é conhecer e poder avaliar as ações pedagógicas do dia a dia em sala de modo que as ações avaliadoras atendam ao mesmo tempo os processos individuais e coletivos.

Esse sentido encontra respaldo na BNCC em relação ao processo de avaliação para os anos iniciais, pois supõe que:

ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos. Nesse período da vida, as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo. (BRASIL, 2017, p. 58)

Assim sendo, pensando nas propostas de avaliação de acordo com a BNCC e o que Luckesi e Hoffmann abordam sobre o ato de avaliar é importante ressaltar que a avaliação é compreendida como algo amplo, pois assume um papel essencial no processo de aprendizagem dos alunos aos anos iniciais e identificar por acompanhamento o que os estudantes sabem é condição fundamental para favorecer a escolha de estratégias didáticas que permitam ao professor provocar o aluno na construção de conhecimentos novos.

Outro aspecto a considerar é que a natureza do conteúdo também determina subsídios necessários para o aprimoramento da pratica dos professores quanto a forma de avaliar, como por exemplo: atender as necessidades da equipe, estimular a postura de professor-pesquisador, promover seminários com profissionais sobre o tema avaliação processual e formativa com foco nos anos iniciais, alinhar a capacitação com o objetivo da escola e a promoção de reuniões de discussão periodicamente.

Em síntese, compreendemos que a avaliação é indissociável da educação, por isso deve levar a ação, reflexão, observação e investigação, ampliando as possibilidades próprias dos alunos e compreender as dificuldades ancora o princípio de descentralização, possibilitando ver as coisas do ponto de vista dos outros.

**Considerações finais**

Este estudo teve como propósito analisar as percepções dos teóricos Luckesi e Hoffmann, articulando a avaliação processual e formativa dos anos iniciais. Inferimos que a avaliação da aprendizagem tem papel essencial de acompanhar os alunos dos anos iniciais, verificando se os mesmos atingiram os objetivos propostos.

A análise das percepções nos permitiu perceber o desafio de obter qualidade no ensino, uma avaliação que verifique suas falas, seus erros e acertos. No entanto, compreendemos que o processo avaliativo é excludente e classificatório. Os alunos dos anos iniciais ainda têm seus conhecimentos medidos por provas e testes, e para Luckesi e Hoffmann esta não é a melhor forma de avaliar, mas sim o professor acompanhar o processo de aprendizagem e propor aos alunos ideias criativas, debates, atividades coletivas e individuais, ouvi-los e valorizar suas ideias.

Nessa perspectiva, a avaliação processual e formativa precisa ser entendida como algo amplo, pois assume um importante papel no processo de ensino aprendizagem, mas as realidades das escolas ainda não estão de acordo com o que Luckesi e Hoffmann propõem em suas concepções sobre o processo de avaliar, é possível que o professor proponha novas concepções e práticas, rompendo os paradigmas de avaliação classificatória.

Compreendemos também que é necessário que o professor tenha uma postura adequada no que diz respeito a forma como se avalia, pois ainda existem em nosso meio instituições escolares com práticas que medem o conhecimento do aluno. E conforme foi apresentado ao longo deste artigo, avaliação é um processo abrangente, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências e dificuldades a fim de possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos que impedem a aprendizagem dos alunos.

Desse modo, a avaliação não se constitui apenas como um instrumento para aprovação ou reprovação dos alunos, mas sim um instrumento de diagnóstico de uma situação, tendo em vista a definição de encaminhamentos adequados para a sua aprendizagem.

Em síntese, compreendemos que a avaliação é indissociável da educação, por isso deve levar a ação. É importante considerar que a avaliação escolar é um desafio que exige mudanças por parte do professor. E, mudança requer muito conhecimento, reflexão e ação. Por isso, requer do educador a busca pela inovação, exige uma mudança na postura deste profissional tanto em relação à avaliação propriamente dita, à educação e a sociedade que o limita. É por meio das metodologias e dos processos avaliativos utilizados que o professor irá participar da reprodução ou transformação da sociedade na qual estamos inseridos podendo formar, ou não, sujeitos críticos e emancipados para que possam nela conviver com equidade.

**Referências**

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): Educação é a Base. Brasília, DF, 2017. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contexto-escolar-possibilidades>

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2006.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2000.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediador**a: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 1993a.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação, mito e desafio, uma perspectiva construtiva**. Ed 32. Porto Alegre, Mediação,2003.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2008.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação e educação infantil**: Um olhar sensível e reflexivo sobre a criança - Porto Alegre; Mediação, 2012.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar respeitar primeiro avaliar depois** - Porto Alegre; Mediação, 2013.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 1999.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 13º ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola**: reelaborando conceitos e criando a prática. 2 ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação aprendizagem escolar**: estudo e proporções /- 19ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

1. Aluna do curso de Pedagogia da FAT. E-mail: millenamoreiraaraujo@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Aluna do curso de Pedagogia da FAT. E-mail: nathallyyasantoosfsa@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Professora orientadora deste Trabalho de Conclusão de Curso no semestre de

2022.1.claudene.ferreira@fat.edu.br [↑](#footnote-ref-3)